Revista Internacional Movimentos Docentes (MOVDOC)
ISSN 3086-7452
Vol. 2, 2025, p.1-4
10.47247/movdoc.v2i.6

# EDITORIAL: 15 ANOS DE TRAJETÓRIAS, ENCONTROS E TRANSFORMAÇÕES

Há trajetórias que podem ser contadas por datas, números e acontecimentos, enquanto outras somente fazem sentido quando observamos os encontros que produziram, as pessoas que aproximaram e os caminhos que ajudaram a abrir. Os 15 anos dos Movimentos Docentes pertencem a essa segunda categoria. O que começou em 2010, vinculado a experiências, pessoas e territórios determinados, gradualmente ultrapassou seus espaços de origem e passou a existir também nos encontros entre professores, pesquisadores, estudantes, escolas, universidades, instituições e comunidades que reconheceram na colaboração uma possibilidade de formação e transformação. Como todo movimento que permanece vivo, sua história não pode ser compreendida apenas por aquilo que já realizou, mas principalmente pela capacidade de continuar produzindo novos deslocamentos.

Ao longo desse percurso, uma ideia tornou-se importante: o conhecimento precisa circular. Uma experiência construída em uma escola pode provocar reflexões em outra; uma investigação realizada na universidade pode encontrar novos sentidos quando dialoga com os problemas da Educação Básica; uma prática narrada por um professor pode atravessar territórios e contribuir para que outros docentes reconheçam questões semelhantes em suas próprias trajetórias. Foi dessa compreensão que os Movimentos Docentes ampliaram suas formas de atuação e passaram a ocupar encontros presenciais e virtuais, projetos de pesquisa e extensão, eventos, livros, revistas, redes sociais e diferentes espaços de formação.

Celebrar quinze anos, portanto, não significa construir um monumento para aquilo que passou. Significa reconhecer uma memória coletiva sem permitir que ela permaneça imóvel. O próprio percurso do Grupo ensina que recordar também é revisar, interrogar e projetar. As conquistas importam, mas também importam os desafios que persistem, as perguntas que ainda não foram respondidas e os territórios aos quais ainda precisamos chegar. O aniversário celebrado em 2025 oferece essa possibilidade: olhar para as raízes enquanto novos caminhos continuam sendo construídos para a formação, a pesquisa, a colaboração e a valorização docente.

Há, nesse percurso, outra dimensão que merece ser preservada: a autoria docente. Durante muito tempo, conhecimentos produzidos no cotidiano das instituições educativas permaneceram restritos às salas de aula, reuniões pedagógicas, projetos e conversas entre pares. Quando professores investigam suas práticas, registram experiências, publicam pesquisas e compartilham reflexões, afirmam que não são apenas executores de orientações ou consumidores de conhecimentos produzidos externamente. São sujeitos intelectuais, pesquisadores de suas realidades e produtores legítimos de conhecimento educacional. A circulação dessas vozes constitui uma das dimensões fundamentais dos Movimentos Docentes e está também na origem da própria Revista Internacional Movimentos Docentes.

É nesse momento de celebração e, sobretudo, de continuidade que apresentamos o Volume 2, número 1, de 2025, da Revista Internacional Movimentos Docentes – MOVDOC. Intitulado Educação em Movimento: formação, inclusão, inovação e transformação social, o

Revista Internacional Movimentos Docentes (MOVDOC)
ISSN 3086-7452
Vol. 2, 2025, p.1-4
10.47247/movdoc.v2i.6

volume reúne 14 trabalhos que, embora partam de objetos, referenciais e realidades distintas, compartilham uma preocupação fundamental: compreender uma educação que já não pode ser pensada por respostas simples diante da complexidade das relações humanas, sociais, científicas e tecnológicas do presente.

Os textos permitem perceber que formação, inclusão, inovação e transformação social não constituem territórios independentes, isto é, formar professores significa também discutir políticas públicas, condições de trabalho, identidades profissionais e relações entre teoria e prática. Pensar inclusão exige questionar estruturas escolares, práticas pedagógicas, relações com as famílias e condições concretas para assegurar participação e aprendizagem. Falar de inovação requer ir além da incorporação instrumental de recursos e perguntar que concepções de sujeito, conhecimento e educação sustentam as tecnologias que passam a integrar a vida escolar. Essa tensão aparece nos estudos que discutem formação e prática docente. A formação de professores é interrogada em sua dimensão histórica, política e profissional, evidenciando distâncias ainda existentes entre os currículos formativos, a realidade das escolas e as condições para o exercício da profissão. A alfabetização surge vinculada às políticas públicas e às condições institucionais necessárias para que programas formativos ultrapassem o plano normativo e produzam mudanças no cotidiano educacional. Outros estudos deslocam a discussão para a construção da identidade docente em ambientes de Educação a Distância e para as possibilidades da neuroeducação, aproximando formação, aprendizagem, reflexão profissional e compreensão das dimensões cognitivas e socioemocionais dos estudantes.

A escola também ocupa lugar central nesta edição. As práticas de professores de Ciências da Natureza mostram como ensinar envolve criar possibilidades mesmo diante de limitações estruturais, articulando currículo, conhecimento científico e realidade dos estudantes. Em outra direção, os estudos sobre educação inclusiva evidenciam que assegurar o direito à aprendizagem requer muito mais do que matrícula ou acessibilidade física. Exige formação permanente, reorganização pedagógica, apoio institucional, diálogo e responsabilidade compartilhada. Essa discussão ultrapassa as fronteiras brasileiras quando a relação entre família e escola é investigada em Moçambique, mostrando que colaboração, comunicação e participação constituem elementos fundamentais nos processos de inclusão de crianças com necessidades educativas especiais.

O volume também se volta para algumas das perguntas mais urgentes de nosso tempo. A presença crescente da inteligência artificial e das plataformas digitais na educação é analisada criticamente, questionando processos nos quais a aprendizagem pode ser reduzida à eficiência, à automatização ou ao consumo de produtos tecnológicos. A reflexão sobre aplicativos de aprendizagem de línguas evidencia a necessidade de preservar a dimensão humana, dialógica, crítica e emancipadora da educação diante da expansão da plataformização. A tecnologia aparece como parte de um debate maior sobre as finalidades educativas e sobre o tipo de formação humana que desejamos construir. A mesma necessidade de olhar criticamente para aquilo que muitas vezes é naturalizado permeia o estudo sobre a participação das mulheres na ciência. Ao problematizar processos históricos de apagamento e as influências sociais que constituem a própria atividade científica, o trabalho recorda que o conhecimento não é produzido fora das relações sociais e que a democratização da ciência também depende de

ISSN 3086-7452
Vol. 2, 2025, p.1-4
10.47247/movdoc.v2i.6

reconhecer ausências, desigualdades e perspectivas historicamente silenciadas.

Em outros trabalhos, transformação adquire sentidos relacionados à solidariedade, participação e justiça social. A aproximação entre pedagogias críticas e economia solidária reafirma diálogo, conscientização e práxis como possibilidades para construir relações sociais mais democráticas e sustentáveis. Na Educação Infantil, a aprendizagem solidária permite pensar a criança como participante ativa de experiências que articulam currículo, comunidade, cidadania e compromisso coletivo, deslocando o professor para uma posição de mediação, escuta e criação de contextos de aprendizagem. Também há espaço para pensar aqueles que trabalham em contextos atravessados por vulnerabilidades e demandas humanas intensas. A discussão sobre qualidade de vida no trabalho de profissionais da Segurança Pública desloca a análise de perspectivas meramente produtivistas e coloca em primeiro plano cuidado, reconhecimento, sofrimento, responsabilidade institucional e dignidade humana. Embora se situe fora da escola, o estudo dialoga profundamente com questões educacionais presentes nesta edição: nenhuma prática profissional que envolva pessoas pode ser compreendida apenas por resultados, indicadores ou prescrições, ignorando as relações e as condições concretas em que o trabalho acontece.

O período pandêmico também permanece como uma memória recente cujos efeitos continuam na educação; o retorno às atividades presenciais não significou simplesmente restabelecer aquilo que existia anteriormente. Professores e estudantes regressaram às escolas carregando experiências de isolamento, perdas, dificuldades de convivência e novas demandas relacionais. O relato de experiência incluído neste volume, dedicado ao desenvolvimento de habilidades socioemocionais com estudantes nesse contexto, mostra que reconstruir a escola significou também reconstruir vínculos, reaprender formas de convivência e reconhecer dimensões emocionais que não podem ser dissociadas dos processos de ensinar e aprender. Essa perspectiva encontra eco em estudos que compreendem aprendizagem como fenômeno simultaneamente cognitivo, emocional e social.

Esses trabalhos não oferecem uma definição única para aquilo que significa transformar a educação; talvez essa seja uma de suas maiores contribuições. Transformação pode significar modificar uma prática pedagógica, assegurar participação onde antes havia exclusão, rever uma política, questionar uma tecnologia, reconhecer sujeitos historicamente invisibilizados, reconstruir vínculos ou produzir novas formas de compreender o conhecimento e a aprendizagem. O movimento acontece em escalas distintas e nem sempre produz rupturas imediatas. Muitas vezes, começa pela capacidade de formular uma pergunta diferente sobre uma realidade aparentemente conhecida.

Educação em Movimento é, assim, uma forma de compreender aquilo que os artigos revelam em conjunto; a educação se move porque seus sujeitos se movem; porque as sociedades se transformam; porque novas tecnologias produzem possibilidades e tensões; porque desigualdades persistentes continuam exigindo enfrentamento; porque diferentes conhecimentos disputam espaço e legitimidade; e porque professores, estudantes, pesquisadores e comunidades continuam inventando maneiras de ensinar, aprender, incluir, resistir e transformar.

Revista Internacional Movimentos Docentes (MOVDOC)
ISSN 3086-7452
Vol. 2, 2025, p.1-4
10.47247/movdoc.v2i.6

Quinze anos depois do início dos Movimentos Docentes, permanece a convicção de que nenhuma dessas transformações precisa acontecer de maneira solitária, afinal, se algo caracteriza essa trajetória é justamente a possibilidade de transformar experiências locais em conhecimentos compartilhados. O que nasce em uma sala de aula pode atravessar toda a cidade de Diadema; o que é investigado em determinado território pode encontrar interlocutores em outro país; aquilo que um professor aprende ao enfrentar determinado problema pode tornar-se ponto de partida para que outro professor construa uma solução diferente. É nesse deslocamento que uma experiência individual começa a adquirir dimensão coletiva.

A MOVDOC pretende permanecer como um desses espaços de circulação. Um lugar onde pesquisas possam encontrar leitores, experiências possam ser registradas, perspectivas distintas possam dialogar e perguntas educacionais possam permanecer abertas tempo suficiente para produzir novos conhecimentos. Celebramos os quinze anos dos Movimentos Docentes olhando para aquilo que foi construído, mas principalmente para aquilo que ainda pode ser realizado.

**Porque estar em movimento não significa abandonar as raízes.**

**Significa carregá-las conosco enquanto seguimos construindo novos caminhos.**

Boa leitura!

Profa. Dra. Marilena Rosalen – editora-chefe

Prof. Me. Everton Viesba – editor executivo